

3º

**congresso
sobre o
algarve**

1984

textos das comunicações

vol. 1

**19
22jan.**



UM PRESÉPIO NAPOLITANO DO SÉCULO XVIII NO MUSEU PAROQUIAL DE MONCARAPACHO

(6)

JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA

Perdido na pacatez duma aldeia do barrocal algarvio, encontra-se um majestoso presépio napolitano do século XVIII cuja imponência assume no contexto do Museu Paroquial de Moncarapacho o fulcro das atenções não só dos seus visitantes como ainda dos estudiosos de arte que, maravilhados pelo ineditismo das suas figuras, confessam o seu natural estupefacto na medida em que não se conhece no nosso país um conjunto artístico semelhante ou paralelo a este. Daí surgir imediatamente no espírito do mais ilustre visitante a natural e compreensível interrogação: O que é um presépio napolitano e quais as razões que motivaram a sua presença neste singelo museu paroquial?

Será precisamente a estas duas questões que iremos tentar responder de imediato.

Em primeiro lugar, a origem dos presépios remonta ao século XIII, mais precisamente a 1224, altura em que o piedoso S. Francisco de Assis se lembrou de fazer reviver no eremitério de Grécio, nos Montes Sabinos, o nascimento de Cristo. Assim, na noite de Natal o santo fundador da ordem franciscana transformou em presépio uma austera e lúgubre gruta onde colocou simbolicamente as imagens da Sagrada Família e de vários outros personagens bíblicos, procurando deste modo lembrar aos fiéis a solenidade daquela histórica noite. Junto ao presépio construiu um altar e à meia-noite celebrou missa. Mais tarde, nesse mesmo lugar se edificou um templo e se erigiu um altar a S. Francisco em cuja decoração figura um dos mais célebres quadros de Giotto, no qual se representa o «Patriarca de Assis» a preparar o seu memorável presépio.

Desde então para cá as matrizes católicas de quase todo o mundo armaram os seus presépios na quadra natalícia, prestando deste modo eterna homenagem ao seu tradicional criador. Mas, o decorrer dos séculos irá enriquecer de novos matizes estas piedosas, mas muito alegres, representações religiosas. Serão os espanhóis, os italianos, os portugueses e os austríacos, quem melhor e mais persistentemente contribuirão para o engrandecimento da arte dos presépios. Todavia, atendendo a que o objecto desta comunicação incide quase exclusivamente num presépio napolitano não iremos, por força das circunstâncias, falar das restantes escolas que pela

mão do espanhol Salzillo ou do português Machado de Castro tornaram célebres as magníficas colecções de Múrcia e de Maфра.

Mas foram, sem sombra de dúvidas, os napolitanos os verdadeiros coroclastas da grande arte escultórica de Setecentos. Foram eles que nos meados do século XVII esboçaram os primeiros passos duma nova arte ao dotar as figuras inertes e inexpressivas de articulações móveis que possibilitariam variar as posições e criar uma nova dinâmica ao estatismo da própria composição artística. Inclusivamente as figuras que eram aritectadas em arame sobre cujas extremidades se fixavam os braços, as pernas e a cabeça esculpida em madeira, passaram a crescer em proporção, atingindo 35 a 40 centímetros de altura, o que as tornava verdadeiramente gigantescas, quando comparadas com as antigas miniaturas das igrejas. Contudo, será, como já disse, o século XVIII a verdadeira «era dos presépios».

Apoiados e, fundamentalmente, patrocinados pelo monarca Carlos de Bourbon, que no seu tempo foi considerado um verdadeiro mecenas, os artistas napolitanos começaram a fabricar cada vez com mais alento e perfeição as figuras bíblicas que tradicionalmente compunham os presépios. Por outro lado, um ex-artista e grande admirador desta arte, o Padre Rocco, que nessa época desempenhava as funções de conselheiro do rei, foi com inteira justiça o mais directo impulsor do fabrico e construção de presépios nas igrejas e palácios napolitanos que, deste modo, serviriam como ingénua instrumentos de propaganda religiosa. E o número de coroclastas desenvolveu-se de tal forma que alguns historiadores italianos chegaram mesmo a qualificar os presépios de *a loucura colectiva de Nápoles do século XVIII*.

Mas, felizmente para a arte, em breve os objectivos do P. Rocco seriam ultrapassados pelo próprio carácter profano da maioria das figuras, que passaram a identificar-se muito mais com a vida quotidiana de Nápoles. As peças começaram a ser mais realistas, traduzindo no barro as personagens da própria rua. Por outro lado, apesar da cena da natividade continuar a centralizar todo o conjunto cénico, verifica-se que a acção se desenrola à luz do dia e não à noite, como era tradicional, e que a lendária gruta de Belém passou a ser representada por um templo romano em ruínas rodeado de rochedos e relva, o que parece demonstrar as influências do estilo neo-clássico que começava a despontar, em certa medida motivado pela recente descoberta arqueológica da cidade de Herculano. Em torno deste núcleo central desponta a vida do povo napolitano que na maioria das cenas parece alhear-se do próprio nascimento de Cristo. Por outro lado, vêem-se figuras do quotidiano envergando trajes da época como se tudo aquilo não passasse de um autêntico desfile etnográfico. Os olhos do observador atento prendem-se naturalmente à beleza e ao dinamismo estático dos vendedores

de frutas e legumes, dos músicos, dos saltibancos, das crianças que correm atrás dos animais, dos camponeses em trajes domingueiros, do açougueiro, do padeiro e sobretudo dos locais mais típicos da cidade como é o caso da praça central, da taverna da mercearia, do albergue, do fontanário público, das casas dos camponeses, etc., etc... Toda a beleza, materializada até ao mais ínfimo pormenor na captação do real, define a verdadeira arte popular do século XVIII não só na Itália como em praticamente toda a Europa do Sul. No caso napolitano, expoente máximo da arte do presépio, a obtenção de toda esta inacreditável perfeição só foi possível graças ao trabalho em conjunto de pintores, escultores, alfaiates, artesãos e até de arquitectos. Na verdade só assim se poderia alcançar tão elevado nível artístico.

A maior parte destes trabalhos estão assinados pelos seus autores que nos seus próprios «ateliers» chegaram a formar pequenas escolas de oleiros. Deste modo ficaram eternamente lembrados os nomes de Domenico Antonio Vaccaro, Matteo e Felice Bottiglieri, Nicola Domma, Giuseppe Cappiellon, Francesco Celebrano, Lorenzo Mosca, Salvatori di Franco, Giacomo Viva, Giuseppe Gori, os irmãos Trilocco, Francesco Gallo, Tommaso Schettino, os irmãos Gennaro, Giovan Battista Polidoro e especialmente Giuseppe Sammartino que se notabilizou como o mais famoso e apreciado escultor do século XVIII.

Presentemente existe em Nápoles a mais completa e valiosa colecção particular de presépios do mundo reunida pela família Catello no palácio que ainda lhe serve de residência e que se encontra franqueado ao público. Trata-se por conseguinte, do mais importante museu particular de toda a Itália, sem quaisquer finalidades lucrativas que não sejam simplesmente as de dar a conhecer e divulgar a arte popular napolitana. Em contrapartida, os mais belos e numerosos presépios napolitanos de toda a Itália encontram-se depositados no Museu Nazionale di S. Martino, na cidade de Nápoles onde se reúnem frequentemente vários estudiosos de arte popular e, neste caso especial, dos presépios napolitanos. Não obstante, em Roma encontra-se a Associazione Italiana Amici del Presepio que para além de haver constituído um centro mundial de documentação presepística e um riquíssimo arquivo internacional de fotografia, publica ainda trimestralmente uma revista de elevada qualidade denominada «Il Presepio». São estas as instituições que de momento se encontram especialmente vocacionadas para o estudo e conservação dos presépios napolitanos. Creio, no entanto, que a existência do interessante exemplar de Moncarapacho lhes deverá ser totalmente desconhecida, apesar de o mesmo haver sido inventariado com a classificação de *imóvel de interesse público*.

Em segundo lugar, voltando a retomar a questão a que me prepusera responder, a presença dum presépio napolitano no Museu Paroquial de Moncarapacho deve-se única e exclusivamente à persistente e total dedica-

ção que o P. Isidoro Domingos da Silva tem votado à arte. Graças à sua perseverança se conseguiram salvar inúmeras peças de caírem nas mãos dos antiquários e de correrem o risco de sair do país. Além disso, a ele se deve a recuperaçã de muitas obras de arte, como é o caso deste presépio, e sobretudo a criação de um Museu que passa a ser pertença de uma comunidade até aqui totalmente arredada das fontes da cultura. Devemos de acrescentar, porém, que para alcançar os seus objectivos pode aquele presbítero contar mais recentemente com a ajuda prestimosa e sempre inestimável do Dr. José Fernandes Mascarenhas, a quem se deve inclusivamente a oferta da numerosa e valiosíssima colecção de arqueologia que ocupa a sala inferior do Museu de Moncarapacho.

Mas passemos de imediato à narração dos factos.

Efectivamente este presépio napolitano, cuja autoria creio ter pertencido a Giuseppe Sammartino, é composto por 45 peças, 11 das quais são representações animalistas, e pertenceu à principesca casa da família Júdice Fialho, grande impulsionadora da indústria conserveira e do comércio português além fronteiras, que após o seu desmoronamento, suscitado pelas consequentes partilhas da fortuna, acabou por ir parar às mãos do Asilo de Santa Isabel em Faro mercê de uma doação feita ainda em vida pela viúva daquele famoso industrial. Durante largos, por altura dos festejos natalícios, este esplendoroso conjunto artístico foi reunido e exposto ao público que, deste modo, pôde apreciar «in-loco» a riqueza, o talhe e a expressão das encantadoras figuras. Mas o correr dos tempos associado ao desconhecimento do valor das próprias peças permitiu que o desleixo fosse generalizado e que o abandono originasse, progressiva e irreversivelmente, um processo de desagregação que levou inclusivamente à destruição de algumas peças.

Foi nestas circunstâncias que o veio encontrar o Padre Isidoro Domingos da Silva, alertado pela notícia de que a citada instituição de caridade se preparava para vender o pouco que restava desse majestoso presépio. Efectivamente não era estranho ao Asilo de Santa Isabel o nome do P. Isidoro da Silva, pois que desde há longa data aquele clérigo vinha reunindo na residência paroquial de Moncarapacho um pequeno museu bastante significativo, no tocante ao seu amor pela arte, e sobretudo demonstrativo da sua dedicação à castiça aldeia que há mais de quarenta anos o acolheu ainda nos primórdios da sua missão evangélica.

Depressa se ajustou a transacção, que orçou em pouco mais de uma dezena de contos, e com a mesma celeridade o citado sacerdote enviou aquele montão de carcomidas velharias para o Museu de Arte Antiga a fim de ser restautado pelos conscienciosos peritos das «oficinas José de Figueiredo» instaladas nas dependências do referido Museu. Quando o valioso

presépio ali deu entrada gerou-se em torno das suas figuras a maior admiração já que se tratava duma experiência sem precedentes. E tanto assim foi que o Dr. Bairrão Oleiro não descansou enquanto não conseguiu inventariar aquele magnífico conjunto escultórico como imóvel de interesse público a fim de que a nossa museologia não corresse o risco de que no futuro se ver privada desta esplendorosa obra de arte, testemunho de uma época de franco e incontestável florescimento da cultura italiana.

Os trabalhos de restauro que obrigaram a um pormenorizado estudo comparativo das suas figuras com outras da mesma espécie, nomeadamente com os elementos constituintes do deslumbrante presépio do Museu da Cartucha de San Martino em Nápoles, suscitaram o prolongamento das lides de recuperação por um espaço superior a dois anos. Saliente-se, a título de justo reconhecimento, que todas as acções de beneficiação exercidas com toda a minúcia e redobrados esmeros nas delicadas figuras napolitanas não custaram um tostão ao modesto Padre Isidoro da Silva que emocionadamente nunca se cansa de realçar o facto perante os olhos atentos dos visitantes e investigadores que surpreendentemente se confrontam com a majestosa presença daquele brilhante conjunto escultórico. Foi um acto da maior justiça prestado a um homem que toda a vida lutou para criar um museu, não o seu, mas o da sua paróquia. Felizmente conseguiu-o, ao cabo de trinta anos de privações, pedindo muitas vezes dinheiro emprestado quando as suas economias já se haviam esgotado, para que a freguesia de Moncarapacho tivesse uma colecção de arte verdadeiramente digna e capaz de orgulhar e instruir os seus naturais. Porém, os moncarapachenses devem ao seu intrépido e voluntarioso prior uma prova de gratidão por tudo quanto desinteressadamente e com os seus magros proventos conseguiu reunir e doar à sua aldeia adoptiva, a qual se poderia, por exemplo, materializar na atribuição do nome de Padre Isidoro Domingos da Silva ao Museu que ele próprio construiu. Ai está o que há de mais justo e menos ingrato para o povo de Moncarapacho que deverá orgulhar-se com o facto de haver sido contemplado, há quarenta a esta parte, com a presença de um sacerdote íntegro, exemplar e altruísta. Quantas cidades, vilas e aldeias não se vangloriarão com a presença de um homem deste calibre? Quantas terras do Norte do país por acções menos dignas do que esta tem elevado aos píncaros da gratidão e até da eternidade, através de estátuas e nomes de ruas, os seus filhos ou pelo menos os seus mais directos benfeitores? Os exemplos são tantos que nos cansaríamos de enumerá-los e se os individualizássemos feriríamos por certo as susceptibilidades de muitas localidades genuinamente portuguesas. Sim, porque o acto de reconhecimento e gratidão é apanágio do povo português. Só não o é ou pelo menos não tem sido frequente nas terras do Algarve onde a vida materialista empederniu o

coração dos seus naturais e ofuscou os seus olhos com o fulvo matiz da ganância, da inveja e da ignorância. Os homens de valor no Algarve não valem nada e, contudo, raros são os que se entristecem de nascer algarvios.

Estranha sina desditosa gente...

BIBLIOGRAFIA

- BORRELLI, G. — *Il Presepe Napoletano*, Roma, De Luca-D'Agostino, 1970.
- CANDIDA, A. Filangieri di — *La Chiesa di Giovanni á Carbonara*, Napoli, 1924.
Catalogo del Museo Provinciale di Belle Arte di Murcia, 1927.
Catalogo della Mostra del Presepe Napoletano del Settecento, Napoli, 1950
- CATELLO, E. — «Il Presepe Napoletano» in *Emporium* n.º 46, pp. 438-447.
Francesco Celebrano e l'arte del presepe napoletano del 700, Napoli, 1969.
- CATELLO, E. — «Il Presepe Napoletano nell'arte del Settecento» in *Emporium* n.º 70, Roma, 1929, pp. 330 e ss.
- CHAVES, Luís — *Os Barristas Portugueses*, Coimbra, 1925.
- GUARDASCIONE, E. — *Il Presepe*, Napoli, 1934.
- GURRUCHAGA, J., GUTIERREZ, R. e MARTIN, J. C. — *Indice Bibliografico de Publicaciones Belenistas y Temas Afines*, Guipuzcoa, Asociacion Belenistas, 1967.
- HUYGHE, René — *El Arte y el Hombre*, 3 vols., Barcelona Editorial Planeta, 1977.
- LIGUORY, G. — *Il Presepe, note di storia e d'arte*, Torre del Greco, 1927.
- MALLORCA, P. Andrea de Palma de — *Manuel del Pressepista*, Barcelona, 1924.
- MARIANI, V. — «Il Presepe napoletano del 700» in *L'Illustrazione Vaticana*, 1931 pp. 42-48.
- MORAZZONI, G. — «Il Presepe Napoletano» in *Dedalo*, vol. I e II, 1921-22, pp. 380-404, 462-484.
- MORELLI, M. — «Figurette da Presepe acquistate per il museo di S. Martino» in *Bolletín d'Arte*, vol. 1923-24, pp. 122-132.
Mostra del Presepio Regionale Italiano, Milano 1957-1958, Catalogo a cura di A. Stefannucci, s.c., 1958.
- NASELLI, C. — «Presepe di Sicilia» in *Emporium* n.º 74, 1931, pp. 323-339.





PRÉSEPIO NAPOLITANO DO SÉCULO XVIII • NAPOLITAN CRIB OF THE XVIII CENTURY
CRÈCHE NAPOLITAINE DU XVIII ÈME SIÈCLE • NAPOLITANISCHE KRIPPE VOM XVIII. JAHRHUNDERT



